**ENTRE A CONQUISTA E A TRAGÉDIA: METÁFORAS REUNIDAS EM
IRACEMA E *SIMÁ* NA COMPREENSÃO DA CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE BRASILEIRA**

**BETWEEN CONQUEST AND TRAGEDY: METAPHORS GATHERED IN
IRACEMA AND *SIMÁ* ON THE COMPREHENSION OF THE
BRAZILIAN IDENTITY CONSTRUCTION PROCESS**

*Leoné Astride Barzotto*¹

*Claudimar Paes de Almeida*²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.148180

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo tecer considerações acerca do projeto literário brasileiro por meio das obras *Iracema*, de José de Alencar (1865), e *Simá* (1857), romance histórico contextualizado na região do Alto Amazonas escrito pelo baiano Lourenço da Silva Araújo Amazonas. A partir da análise destes dois romances, o intuito é de identificar elementos que sirvam como suporte para compreensão e representação metafórica da construção da identidade brasileira.

ABSTRACT: This work aims to analyze the Brazilian literary project through the novel *Iracema* (1865), written by José de Alencar, and the historical novel contextualized in the Upper Amazon region, written by the author from Bahia, Lourenço da Silva Araújo Amazonas, published in 1857 under the title of *Simá* - as support for understanding and metaphorical representation of

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2008).

² Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (2018).

the Brazilian identity construction.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade brasileira; *Iracema*; *Simá*.

KEYWORDS: Brazilian identity; *Iracema*; *Simá*.

A obra *Iracema* é um romance da literatura brasileira publicado em 1865 e escrito por José Martiniano de Alencar, mais conhecido como José de Alencar, nomeado escritor brasileiro, fazendo desta obra parte da trilogia indianista na qual estão inseridos *O Guarani* e *Ubirajara*.

Alguns críticos defendem a ideia de que o nome *Iracema* seja um anagrama que, quando organizado, transforma-se na palavra América, ou seja, uma representação da figura e imagem da índia sul-americana conquistada pelo europeu, representada neste caso pela figura de Martim, pois, como sabemos, conquistar as mulheres do novo território é, igualmente, dominar a terra e sua gente; um mote difundido profundamente pelos colonizadores. Condizente a este contexto é a obra alencariana, na qual se propala uma das possibilidades da identidade nacional. Observa-se, nesse sentido, a conciliação de duas culturas distintas: *Iracema*, indígena e metaforicamente representação simbólica da América, ainda virgem e inexplorada, conquistada pelo então colonizador branco, Martim Soares Moreno, figura histórica ligada ao processo de colonização da região do Ceará, descendendo dessa unificação o mestiço Moacir, “filho da dor”, representando o primeiro cearense, fruto da mescla das duas raças.

Já a obra *Simá*, primeiro romance amazônico publicado em 1857 por Lourenço da Silva Araújo Amazonas, escritor que passou boa parte de sua vida na Amazônia, convivendo com indígenas e vivenciando o processo de colonização da região, é considerado um dos livros mais contundentes do romance histórico indianista brasileiro, perpassado por um olhar pessimista e crítico

em relação à presença europeia na Amazônia.

O romance *Simá*, publicado oito anos antes de *Iracema*, aborda a trajetória das personagens Delfina, filha de Marcos, índio bem-sucedido e que tem uma propriedade nos barrancos do Solimões, localizada nas proximidades de Coari; de Simá, filha de Delfina, mameluca bonita, a qual nasce da consumação de um estupro realizado por Régis, regatão português.

Por meio das ações, metaforiza-se a forma de colonização conflituosa que ocorre entre “civilizado” e “primitivo”, embasada de revoltas que terminam em grandes tragédias. *Simá* destaca, ao mesmo tempo, o encontro dos dois mundos que se chocam e, ao mesmo tempo, atraem-se pelo aspecto deslumbrante do desconhecido. “O romance de Lourenço Amazonas é mais que uma denúncia, é uma metáfora da tragédia vivida pelos povos nativos da Amazônia” (TELLES, 2013, p. 74).

Assim, *Simá*, com expressividade de uma estética romântico-indianista, busca preservar a cultura autóctone, apesar de o romance explicitar a perda identitária de personagens da tribo Manau, quando esses entram em contato com o homem branco. Nesse panorama, as duas obras, *Iracema* e *Simá*, são fundamentais para se deslocar no estudo de compreensão do processo de nacionalismo, pois unem metáforas que colaboram na construção da identidade nacional brasileira.

Discursos e representações: a construção da identidade brasileira

A noção de literatura nacional teve seu início na virada do século XVIII para o século XIX, principalmente com os alemães em detrimento à Revolução Francesa (1789), pois antes vivia-se em um contexto travado de ideologias liberais, democratas e socialistas. Acopladas a essas, começa a distender o nacionalismo. Cada país era considerado uma propriedade do rei, nos quais os indivíduos viviam como “súditos”, “escravos”, obedecendo ao seu “patrão”

e deixando de obter direitos enquanto cidadãos comuns. Foi na luta contra o movimento absolutista que os franceses conseguiram subsidiar o surgimento do sentimento nacionalista, passando o indivíduo a ser considerado parte de uma comunidade nacional.

Com os românticos alemães, propagou-se a ideia de uma literatura nacionalista, ou seja, integrar características próprias de uma nação. Dessa forma, o Romantismo é o precursor do nacionalismo brasileiro. No Brasil, antes da Independência de 1822, “[...] a situação da cultura intelectual era igualmente insatisfatória” (CANDIDO, 2002, p. 8), e a partir dela esse sentimento se propagou, nascendo no meio intelectual da época uma necessidade de aspirações que valorizassem questões patrióticas, afirmando, desta forma, uma literatura de caráter original. Foi a partir dessas questões e da valorização de símbolos peculiares locais, entre eles a natureza e o índio, que a literatura brasileira ganharia autenticidade e começaria a se forjar para se tornar o que temos hoje.

A literatura foi considerada, nesse período atribulado da vida brasileira, parte de um esforço construtivo mais amplo, que visava contribuir para a grandeza da nação recém-formada. Ela constituía o respaldo necessário para a projeção da imagem desta nação e deveria apresentar um perfil próprio. Construir uma literatura nacional passou a ser uma espécie de missão dos escritores brasileiros, os quais se lançaram, então, na busca de aspectos que pudessem conferir especificidade à sua produção, tornando-a distinta e, inclusive, por esta mesma particularidade, à altura da que emanava da Europa.

Nesse período, a literatura é tomada como ferramenta adversa na vida brasileira, pois se procurava, por meio de um esforço contínuo, um âmagô contribuidor para o crescimento valorativo da nação recém-formada. Evidentemente, na literatura se desejava respaldar a projeção da imagem nacionalista, apresentando um perfil particular, passando essa a ser um compromisso dos escritores brasileiros e valorizando elementos que particularizassem

aspectos específicos em suas produções, tornando-a dissemelhante da que provia da Europa (COUTINHO, 2002), uma vez que a literatura de uma dada nação representa, visceralmente, as nuances socioculturais dela.

Com o desejo de autonomia literária após a Independência, o Romantismo, afirma Candido:

[...] apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo e, portanto, a identidade, em oposição à Metrópole, identificada com a tradição clássica. Assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação de autonomia espiritual. (CANDIDO, 2002, p. 20)

No início do século XIX, embebeu-se o Brasil em ideias da literatura portuguesa. Na ânsia de singularizar o processo histórico nas páginas literárias, os intelectuais buscam referenciar a natureza com suas belas paisagens naturais e os seres primitivos, os índios, os quais eram ambos símbolos peculiares, instituíram o nacionalismo por meio de uma escrita expressivamente particular. Num primeiro momento, obviamente, esta tentativa beira ao exótico, tão criticamente analisado décadas depois. Toda época tem seu “esforço-literário”, com subsequente revisitação e reformulação posteriores, fato que na atualidade conseguimos perceber mais nitidamente ao olharmos para a nossa historiografia literária e todas as suas conquistas.

O primeiro a repercutir essa ideia foi o francês Ferdinand Denis, promovendo em sua obra de 1826 o *Resumo da História Literária do Brasil*, no qual destaca a valorização de questões características de cada localidade. Candido, fazendo alusão a Denis, reafirma:

[...] ele fundou a teoria e a história da nossa literatura, base-

ado no princípio, então moderno, que um país com fisionomia geográfica, étnica, social e histórica definida deveria necessariamente ter a sua literatura peculiar, porque esta se relaciona com a natureza e a sociedade de cada lugar. Os brasileiros deveriam, portanto, concentrar-se na descrição da sua natureza e costumes, dando realce ao índio, o habitante primitivo e por isso mais autêntico [...]. (CANDIDO, 2002, p. 22)

Dando esse destaque ao homem indígena, torna-se o indianismo uma das ferramentas mais expressivas do nacionalismo romântico. É importante ressaltar que temáticas desse porte, dentro da literatura brasileira, ocorreram antes mesmo do Romantismo, como as peças teatrais do padre Anchieta voltadas à catequese; Basílio da Gama, com a obra *O Uruguai*; Santa Rita Durão com *Caramuru*; entre outros. Intencionalmente, Domingos José Gonçalves de Magalhães tenta incluir aspectos locais em suas escritas na busca de uma possível literatura brasileira, entretanto sem obter tanto sucesso. Contudo, outros escritores conseguiram seu apogeu nas obras indianistas, dentre eles, Gonçalves Dias, com *Os Timbiras*, *Marabá*, *I Juca Pirama*, entre outros, e José de Alencar, com *O Guarani*, *Ubirajara* e *Iracema*.

Nesse contexto, toma-se como análise a obra *Iracema*, de José de Alencar, por ser um romance “[...] paradigmático do processo de construção da nacionalidade brasileira” (COUTINHO, 2002, p. 57), e *Simá*, por ser considerado o primeiro romance amazonense, obtendo fatores precedentes de nacionalismo que se dão “[...] por meio da relação conflituosa entre civilizado e “primitivo” [...]” (TELLES, 2013, p. 71). Visto que essas obras apresentam elementos preponderantes no aspecto de brasilidade, ou seja, no que hoje chamamos de identidade nacional brasileira, compreende-se que elas constituem um acervo que manifestam ações, atitudes, prodígios e metáforas expressivas da construção identitária brasileira.

Aspectos e metáforas de nacionalidade em *Iracema* e *Simá*

Como expressividade da terra ainda inexplorada, temos a imagem de Iracema, “[...] a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira” (ALENCAR, 2005, p. 17). Em *Simá*, a representação de duas imagens femininas, Delfina, filha de Marcos, e Simá, sua filha. Em *Simá*, tem-se a representação de duas imagens femininas, Delfina e Simá. Essas personagens representam o elemento primitivo: a mata virgem explorada pelo português, a cultura sobrepujada e, também de forma emblemática, a terra que sofrerá o processo “civilizatório” interprendido pelos europeus.

A história de *Iracema* desenrola-se em torno de uma paixão por Martim, homem que “[...] tem nas faces o branco das areias que bordam no mar; nos olhos o azul triste das águas profundas” (ALENCAR, 2005, p. 17). Essa metáfora pode ser visualizada como uma alegoria do encontro das duas raças, o nativo e o colonizador, o que simbolicamente dá sentido ao nascimento do primeiro homem americano, Moacir [filho do sofrimento]. Martim, considerado na obra como “guerreiro”, traz em seus relatos a linguagem indígena, hora interpelado por Iracema, que questiona de onde aprendeu a linguagem de seus irmãos, pois por ali ainda não se tinha visto um guerreiro como ele. Martim se compraz dizendo: “– Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje tem os meus” (ALENCAR, 2005, p. 18). Fica evidente as conquistas e a entrada do colonizador em outras terras indígenas, convivendo com estes aprendeu a linguagem, com o intuito de aproximar-se do primitivo. Afinal, conhecimento é poder.

Em *Simá*, temos a personagem de Delfina, sua mãe, índia dócil e compraz, “[...] a ingenuidade lhes é uma qualidade inata [...]” (AMAZONAS, 2003, p. 23). A personagem é filha de Marcos, índio tuxaua Manau destribalizado, bem-sucedido e conservador em relação aos costumes e características de sua

raça. Morava em um sítio situado no Solimões, onde tinha uma casa comercial. É neste ambiente que ocorre um ato de violência realizada por Régis, “[...] rapagão branco, de trinta anos de idade, natural de Portugal, de estatura regular; seu rosto de um contorno irrepreensível e claro, e suas faces rosadas [...]” (AMAZONAS, 2003, p. 28).

Observa-se que, no romance de Alencar, Iracema se debruça, por amor, nos braços de Martim; diferentemente de Delfina, que não demonstra interesse ou atração por Régis, em *Simá*:

[...] não é menos certo que Delfina, posto se deixasse impressionar da vista de um europeu, era, contudo, bastante devotada à sua raça para que semelhante impressão pudesse ter a menor consequência. Ingênua e simples, examinava um europeu, e nada mais; e Marcos mesmo estava bem tranquilo a este respeito. (AMAZONAS, 2003, p. 29)

Entende-se que, em hipótese alguma, haveria a possibilidade de romper com os costumes da raça indígena em detrimento da chegada do homem branco [Régis], pois induzia-se e predominava em Delfina nada mais do que a curiosidade. Porém, o oportunista Régis, português simbólico do colonialismo, acolhido na casa de Marcos, violenta Delfina, engravidando-a.

A brutalidade se dá quando, ao dialogarem, Régis oferece vinho com ópio para Marcos e sua filha. Ao se embebedarem, tornam-se presas fáceis, e Régis aproveita do momento e estupra Delfina. Toda a conversação realizada ao redor da mesa e oferta de especiarias eram ações realizadas pelos europeus, atitudes bem comuns empregadas pelos colonos ao chegar na terra prometida, com vistas a convencer o primitivo através de suas cordialidades; ou melhor, falsas cordialidades, posto que o europeu com uma mão oferecia o tapete, e com a outra, puxava-o.

A terra colonizada era compreendida como o ambiente do ser selva-

gem, no qual inexistia qualquer resquício de civilidade. Neste sentido, o homem europeu julgava levar a ‘civilização’ e ‘Deus’ ao mundo, mesmo que para isso fosse necessário matar, violentar, depreciar, etc.

- Creio que no dia em que a plantação nas margens do Amazonas corresponder à produção de suas florestas, será ele o primeiro país do mundo, assim em riqueza, como em população, e consequentemente em civilização.

É o que admito com toda a facilidade, mas que considero tão impossível como plantar uma roça no cume de Tacamiaba. (AMAZONAS, 2003, p. 35)

É justamente nessa terra ainda ‘não explorada’ que o colonizador se põe como o estrangeiro que traz a “civilidade” para a “não civilidade”. A partir disso, há a geração de vários conflitos internos, culminando em um forte processo de aculturação e de lutas entre os povos da mesma nação em consonância dessa invasão “civilizatória”.

Nessa perspectiva, pode-se pensar no processo e nas cenas degradantes ocorridas nas duas obras. Em *Iracema*, por exemplo, a aculturação ocorre através do seu amor por Martim e um abandono de sua própria existência ao nascer seu filho Moacir, considerado por Iracema como “[...] o nascido do meu sofrimento”, “[...] filho de minha angústia [...]” (ALENCAR, 2005, p. 88). Martin, ao deixar Iracema para se aventurar com Poti, acentua o afastamento que ocorre entre os dois amantes. Para ele, representante da ganância e da vilania do europeu, qualquer mulher indígena serviria ao mesmo propósito, qual seja, a exploração sexual.

O triste fim da protagonista simboliza a dor do processo de aculturação e do abandono por parte do português, porquanto transparece no corpo de Iracema suas dores, ao não se alimentar e não produzir leite para o filho, que chora todos os dias, definhando aos poucos e morrendo ao final do romance.

*A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada.
Com esforço grande, pôde erguer o filho nos braços, e apresentá-
-lo ao pai, que olhava extático em seu amor.*

*- Recebe o filho de teu sangue. Era tempo; meus seios ingratos já
não tinham alimento para dar-lhe!*

*Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe
desfaleceu, como a jetica, se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu
então como a dor tinha consumido seu belo corpo; [...].*

*Iracema não se ergueu mais da rede onde pousaram os aflitos
braços de Martim. O terno esposo, em que o amor renascera com
o júbilo paterno, a cercou de carícias que encheram sua alma de
alegria, mas não a puderam tornar à vida: o estame de sua flor
se rompera. (ALENCAR, 2005, p. 94)*

Com o nascimento de Moacir se estigmatiza e se pronuncia a dor e o sofrimento dos nativos e, na figura de Martim, o colonizador, a desconstrução de uma nação de povos ao serem representados na morte de Iracema. Com seu corpo consumido pela dor, reverberam as perdas dos índios provocadas pelos combates entre a nação Tabajara e Pitiguara.

Com a presença dos europeus nos trópicos, inicia-se um capítulo trágico de destruição dos povos nativos. A colonização da América passa a ser um cenário de morte de vários primitivos do continente e, metaforicamente, representa o êxito glorioso da derrota. Em *Iracema* fica evidente, na fala de Martim, a ameaça que a presença do homem branco significava para o povo indígena.

Iracema soltou-se dos braços do mancebo, e olhou com tristeza:

*- Guerreiro branco, Iracema é filha do Pajé, e guarda o segredo da
jurema. O guerreiro que possuísse a virgem de Tupã morreria.*

- E Iracema?

- Pois que tu morrias!...

Esta palavra foi como um sopro de tormenta. A cabeça do mancebo vergou e pendeu sobre o peito; mas logo se ergueu.

- Os guerreiros do meu sangue trazem a morte consigo, filha dos tabajaras. (ALENCAR, 2005, p. 31)

A chegada do colonizador é vista como um meio desestabilizador, corrompendo a paz e a unidade existente na aldeia e criando conflitos que se delineiam em mortes. Não diferente desse quadro traumático e violento, em *Simá*, Régis o “civilizado”, ao estuprar o ser “primitivo”, Delfina, mostra o comportamento do europeu em relação ao povo autóctone da Amazônia. O estupro tem um fator emblemático, ou seja, ato de invasão daquilo que não é permitido, inaceitável, usando da força física e da malícia para possuir e violar. Esse ato culmina na morte, por tristeza, de Delfina, logo após dar à luz a Simá.

Esta personagem é criada pelo seu avô Marcos, e regressa junto com seu avô para o Rio Negro, onde cresce e se torna uma moça bonita, sendo prometida ao jovem Domingos de Dari, índio da mesma etnia. Régis, por não saber que Simá é sua filha, encanta-se com sua beleza e, com os mesmos artifícios usados com a mãe da jovem, tenta conquistá-la. Essa passagem é a cena mais dramática do romance, pois Régis reconhece o cordão que está no pescoço de Simá, já que foi o mesmo colocado por ele em Delfina, no dia em que a estupro. Em detrimento, Régis pede para morrer junto com a filha, porque acredita ter causado sua ruína. Em desespero, grita:

- Simá, minha filha!!! (bradou Régis, em pressa de quanto trato pode o inferno envidar em semelhante trance)

- Minha filha!!! (tornou ele arrojando-se-lhe aos pés e abraçando os seus joelhos)

Simá, socorrendo-se de supremo esforço, abriu os olhos, que alçou ao céu, e levantado também as mãos postas, proferiu:

- Meu pai!!! Eu lhe perdoo. (AMAZONAS, 2003, p. 257)

Este excerto do romance nos traz uma idealização familiar típica do remorso e da culpa advindos do tabu judaico-cristão, na reminiscência do pai supostamente não aceitar que violentou a própria filha. Contudo, para além das entrelinhas, percebemos que há uma certa romantização nesta passagem, uma vez que filha e pai não se conheciam e não tinham, portanto, laços afetivos para tal. Régis se aproxima de Simá exatamente da mesma forma que se aproximaria de qualquer nativa jovem e bonita: com um único interesse, aquele vil de sempre, o da posse, o da usurpação do corpo pela violência sexual.

Tanto em *Simá*, quanto em *Iracema*, romances emblemáticos, evidenciam-se fins trágicos, modelos de reflexão sobre a presença europeia na Amazônia e na América. Ao encontrarem-se, os dois mundos se chocam, transbordando tramas vividos pelos povos nativos, mas que também se atraem pelo grande fascínio do desconhecido. Além dessas questões, ainda pode-se destacar a perda da identidade revelada na troca de nomes: de Marcos para Severo e na ação de Poti, quando se ajoelha ao pé da cruz, proferindo que existia um só Senhor.

Nesse sentido, os dramas vivenciados nos romances revelam fortes marcas da formação nacionalista, sendo considerados uma forma de denúncia e simbologia das diversas tragédias que transmudam a vida do povo indígena com a chegada do homem branco, confluindo com a constituição identitária da nação brasileira.

Considerações finais

Vale lembrar que o Brasil conquistou sua independência política em 1822, porém ainda não tinha conseguido firmar ou definir uma identidade autônoma. Nesse sentido, a literatura brasileira tem se tornado uma ferramenta essencial para entender diversos aspectos e contextualizações, seja em

seu âmbito político, social, econômico ou cultural. Concernente a esse fator, é vital que se invista em estudos dessa natureza, colaborando de forma eficaz na formação e desenvolvimento de pesquisas relacionadas a esse tema, tendo em vista que a literatura é um importante suporte para a compreensão e definição da identidade nacionalista.

Nessa perspectiva, o Romantismo Brasileiro foi um importante movimento nacionalista que não só valorizou a estética literária, mas também colaborou de forma decisiva para o balizamento de questões interligadas ao projeto identitário nacional brasileiro. Esse movimento predominou fortemente durante o século XIX no contexto europeu; no Brasil, entretanto, essa mesma estética colaborou para promover obras nacionais que valorizassem símbolos locais, quebrando e superando os valores lusitanos vigentes no país. Assim, no plano literário, o romance emerge como ferramenta de valorização peculiar, exprimindo uma literatura típica, sendo o índio o elemento escolhido como símbolo autêntico da construção e representação da nacionalidade brasileira. Dentro desse arcabouço literário, as produções aqui analisadas, de Alencar e Amazonas, destacam-se, já que “Alencar pode ser considerado uma síntese do romance romântico brasileiro. Sua obra abarcou desde o romance indianista passando pelo romance rural, pelo romance urbano, alcançando até o romance histórico” (OLIVEIRA, 2008, p.16), enquanto Amazonas é apontado como “[...] o precursor da reflexão ficcional sobre a formação da identidade nacional [...]” (TELLES, 2013, p. 71).

A partir dessas afirmações, o trabalho aqui exposto destaca as duas obras citadas, *Iracema* e *Simá*, apresentando alguns elementos essencialmente representativos, reflexivos e analíticos, capazes de demonstrar um painel da formação da identidade nacional brasileira por meio da nossa literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Paulus, 2005.

AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. *Simá* – Romance Histórico do Alto Amazonas. 2ª ed. Revista – Manaus: Editora Valer, Governo do estado do Amazonas, 2003.

CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

COUTINHO, Eduardo F. Discurso Literário e construção da identidade brasileira. In *Légua & Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*, nº 1, 2002, p. 54-63.

OLIVEIRA, Silvana. *Realismo na literatura brasileira*. Curitiba: IESDE, 2008.

TELLES, Tenório. Iracema e Simá unem metáforas sobre o Brasil. In: *Valer Cultural*, Ano I, nº 5, jun. 2013, p. 70-74.

Submissão: 16/07/2018

Aceite: 07/11/2018